

---

**ESTILO E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO**

**STYLE AND PSYCHOANALYSIS: A REVIEW**

Alexandro Klosowski<sup>1</sup>

Alvaro Severo<sup>2</sup>

Edimara Gomes Rambo<sup>3</sup>

**RESUMO**

Com o objetivo de investigar como o conceito de estilo tem sido tratado nas pesquisas contemporâneas em psicanálise, este artigo realiza uma revisão de literatura que articula livros publicados sobre o tema com artigos científicos. A partir da análise preliminar da literatura, percebeu-se uma lacuna significativa: embora o termo "estilo" apareça em diversos contextos psicanalíticos, sua definição e aplicação variam amplamente, carecendo de um consenso conceitual. Assim, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: como o conceito de estilo tem evoluído na psicanálise contemporânea? Para selecionar os artigos, foram utilizados os bancos de dados SciELO, LILACS, PePSIC e PsycInfo, aplicando os descritores "estilo" e "psicanálise". Dos noventa e três artigos encontrados, treze foram selecionados após uma leitura integral. Os critérios de inclusão focaram em artigos que mencionassem o conceito de estilo como um termo psicanalítico, excluindo-se aqueles que utilizavam o termo em seu sentido comum ou que faziam referência ao estilo de um autor ou técnica, sem associação aos conceitos psicanalíticos. Os resultados indicam múltiplas abordagens ao conceito de estilo, abrangendo temas como a verdade do sujeito, o ensino, o estilo do analista, a transmissão da psicanálise, o estilo de ser e a relação entre estilo, literatura e sofrimento. As divergências conceituais levantadas nesta pesquisa apontam para novas questões que poderão ser exploradas em investigações futuras, aprofundando o entendimento sobre a relevância do estilo na prática psicanalítica.

1

**Palavras-chave:** estilo; psicanálise; revisão.

**ABSTRACT**

With the aim of verifying how the concept of style has been approached in contemporary research in psychoanalysis, the method of this article was a literature review, articulating books published on the topic with scientific articles. To select the articles, databases such as SciELO, LILACS, PePSIC and PsycInfo were used using the descriptors "style" and "psychoanalysis". Ninety-three articles were found, of which thirteen were selected after full reading. Articles that mentioned the concept of style as psychoanalytic were considered, excluding those in which the term style was approached based on a common idea, or when concepts referred to the style of an author or technique without association with psychoanalytics. As a result, we found different mentions of the concept, covering topics such as the subject's truth, teaching, the

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia na Faculdade Sant'Ana, alexandroklosowski@gmail.com.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia na Faculdade Sant'Ana, alvarosevero@outlook.com.

<sup>3</sup> Profa. Esp. do curso de Psicologia Faculdade Sant'Ana, prof.edimara@iessa.edu.br.

analyst's style, the transmission of psychoanalysis, the style of being and the style's relationship with literature and suffering. The research also resulted in some questions that could be addressed in future research.

**Keywords:** style; psychoanalysis; review.

## 1 INTRODUÇÃO

Em “O mal estar na civilização”, temos a leitura de Freud (2011) de que a cultura é um processo que envolve a constante renúncia aos instintos e a busca de prazer em fontes substitutivas. Ela tem suas raízes na necessidade do homem de se proteger contra a natureza e contra seus semelhantes. Nesse processo são criadas normas e regras visando a sustentação da unidade social, por outro lado, o sacrifício exigido pelo abandono dos impulsos mais primitivos e individuais coloca frequentemente os sujeitos em condição de desamparo. Diante desse contexto, o ser humano cria um mundo de arte e de ciência no qual ele se expressa e por meio do qual ele se protege contra as ameaças da natureza e das outras pessoas. Tais formas simbólicas de expressão permitem que emoções, desejos e angústias sejam manifestadas de forma culturalmente aceitável e nesse processo a singularidade se manifesta, dentre outras formas, através do estilo. Birman em sua leitura da obra freudiana interpreta que “face ao desamparo do sujeito na cultura não existe cura possível, mas somente a perspectiva de constituir um estilo subjetivo que seja capaz de lidar com os conflitos insuperáveis (1997, p.12)”, reforçando que é possível a partir de Freud desenvolver um conceito que se convencionou chamar estilo e que teve diferentes sentidos atribuídos ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Uma série de teóricos da psicanálise se debruçaram em algum momento ao longo do conceito de “estilo”, tema que entrou em evidência especialmente a partir da menção de Lacan em seus seminários. Entretanto o conceito percorreu diferentes vieses e em algumas situações confunde-se com o uso comum da palavra. Torna-se assim relevante revisar o conceito de estilo em psicanálise, objetivo que o presente trabalho pretende alcançar analisando os caminhos percorridos por teóricos relevantes da área e revisando sistematicamente o patamar atual de publicações do tema. Quanto a problemática, o presente artigo visa responder a seguinte questão: como o conceito de estilo tem evoluído na psicanálise contemporânea? Justifica-se esta empreitada por considerar que a forma da psicanálise contemporânea integrar o conceito de estilo poder responder à novas demandas, consonante à carência de revisões com este tema.

A metodologia incluiu uma revisão inicial em livros de teóricos renomados da psicanálise sobre o tema do estilo, seguida de uma pesquisa em periódicos nas bases de dados SciELO, LILACS, PePSIC e PsycInfo, utilizando os descritores “psicanálise” e “estilo”. Devido à escassez de publicações, não houve restrição de data ou idioma. Foram identificados 110 artigos, com 17 excluídos por duplicidade. Após a leitura de 93 artigos por ambos os pesquisadores de forma independente, 80 foram excluídos por: tratar o conceito de estilo de forma não psicanalítica, o artigo não estar disponível na íntegra, ou abordar o estilo de autores ou técnicas sem relação com o conceito psicanalítico. O banco de dados final contou com 13 artigos, os quais foram lidos e analisados conforme os objetivos desta revisão.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

De acordo com Quinet (2009, p.176) “O termo estilo se origina do grego “stylus”: um instrumento pontudo de metal, punção que serve para furar ou gravar”. O estilo pode remeter a uma generalização, como ao se referir ao “estilo barroco” ou “estilo colonial”, mas “na psicanálise a proposta é outra: a psicanálise admite a vertente do estilo como instrumento de singularização, porém dele não faz um instrumento de segregação entre talentosos e não talentosos” (Quinet, 2009, p. 177).

Em consulta ao Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001) não há menção ao conceito de "estilo". Já no Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise de David Zimerman há menção ao termo "Estilos de narrativa e de interpretação", no qual o autor ressalta "a importância, mais restritamente na situação analítica, do estilo de comunicação, tanto de parte das narrativas do paciente, como da atividade interpretativa do analista” (2008, p.130), o que o autor considera significativo para a evolução do processo de transformações analíticas.

Beividas (2001) ao abordar a problemática do estilo relembra as menções de Lacan à questão, assinalando que:

Desde o momento em que Lacan formulara que todo retorno a Freud que dessa substância consistente ao ensino da psicanálise e à formação do analista, só se podia efetivar através da via do estilo, como a única via 'por onde a verdade mais escondida se manifesta nas revoluções da cultura' (2001, p.219).

Chegar-se-ia a partir dessa leitura a noção de que "o 'estilo do homem' é a chave da mais profunda subjetividade, da verdade primeira do sujeito" (Beividas, 2001, p.219).

Outro psicanalista de renome que voltou seu olhar para a questão do estilo foi Gilberto

Safra (2009), enfatizando o estilo de ser, e chamando a atenção para a necessidade da busca pelo estilo que permita a cada um se colocar e criar no mundo. Safra conceitua estilo de ser do indivíduo como a

confluência de suas características, de sua família e de sua cultura. Esse estilo de ser se organiza desde os primeiros estágios do desenvolvimento, no tempo subjetivo, e prossegue, ao longo de seu percurso pela vida, acompanhando a abertura dos diferentes sentidos de realidade e de configurações de mundo (2009, p.73).

O ser humano tem múltiplas formas de se constituir e de se mostrar diante do outro nas relações e a modernidade tem proporcionado um acesso a um sem número de referências que contribuem para a constituição do estilo. Contudo, o autor chama atenção para possíveis sofrimentos diante do desencontro com o estilo próprio. “O indivíduo sofre tanto por não conseguir realizar suas potencialidades de ser, quanto por não conseguir realizar o resgate desses aspectos em seu estilo de ser” (Safra, 2009, p.73).

Nesse sentido, entende-se o estilo como um conceito relevante para a clínica psicanalítica, algo que foi outrora trabalhado por Birman (1997, p.12) tendo concluído que “o que se impõe na experiência psicanalítica não é primordialmente o ideal de cura, mas a finalidade de constituição de um estilo para o sujeito, que seria regulada nos registros ético e estético”.

4

No que se refere ao trabalho clínico, podemos também considerar como uma contribuição de Beividas, quando este destaca que

A psicanálise se considera como a práxis do particular, do singular, do individual, da subjetividade mais funda que anima a vida do indivíduo. A seu ver o acesso a tal subjetividade só pode se dar quando se privilegia nas manifestações do sujeito, isto é, no seu discurso, aquilo através do que ele se revela na sua essência: seu estilo. “O estilo é o próprio inconsciente” talvez fosse uma formulação que ela adotaria de bom grado, porque lhe serviria para evocar a própria pregnância do sujeito (Beividas, 2001, p. 221).

Cabe a esta reflexão acrescentar o aporte de Costa, quando este ao mencionar o estilo, sustenta que sua criação não deve ultrapassar os limites do convívio coletivo:

Ao mesmo tempo em que se permite a criação de novos consensos sobre a definição do bem comum e a invenção de novos estilos de existência individual, exige a permanência de princípios. Os indivíduos são livres para experimentar novas formas de governo de si e de uso de prazeres; as instituições estão autorizadas a modificar-se de acordo com a realidade social, porém, sob hipótese alguma, nenhum indivíduo, grupo ou classe tem direito a manipular as regras da moral pública em benefício de interesses privados, assim como nenhum indivíduo pode impor seu bem-estar à custa do bem-estar do outro. (Costa, 1994, p.77).

Há que se falar também no estilo da parte do analista. Jorge (2005) ao se remeter à fala de Lacan, lembra que o estilo é algo que deve ser construído por cada analista, dispensando-se a imitação de modelos. Ele entende como recursos de estilo, algo que tanto Freud quanto Lacan insistiam quanto a sua importância, à saber “sua escrita quanto em sua fala, a ironia, a antítese, o jogo de palavras, a criação de homofonias e o rebuscamento” (Jorge, 2005, p.11).

Retornando a Bevidas, encontra-se desde então uma leitura da insuficiência de elaboração do conceito de estilo, considerado naquele momento como um “campo virgem”, deixando assim lacunas teóricas para subsídios futuros.

Em suma, sobre o modo como a psicanálise pós-lacanianiana até hoje maneja a noção de estilo (do homem) poderia ser dito que se trata de uma insuficiência conceptual. O estilo do homem permanece aí ainda como um campo virgem, à espera de alguma proposição mais heurística" (Bevidas, 2001, p.231-232).

Compreende-se destas contribuições históricas que o conceito de estilo foi empregado na psicanálise com diferentes aplicações, mas que em última análise retornam para a questão da verdade que permanece exercendo influência sobre o sujeito, ainda que a cultura caminhe para uma generalização.

5

Diante destas contribuições teóricas, segue-se para a análise do patamar das publicações mais recentes que remetam ao conceito de estilo na psicanálise, mais especificamente, dos 13 artigos selecionados de acordo com os critérios da revisão.

Fontes (2015), ao discorrer sobre o estilo lacanianiano relembra a abordagem do conceito pelo psicanalista francês, na qual este menciona que ele é a “via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem” (Lacan, 1998a[1957], p. 460, apud Fontes, 2015, p.324). O autor passa então a considerar duas possibilidades para este conceito, sendo “o estilo como uma forma que deve ser domada para uma adequada comunicação de um conteúdo (modo de transmissão científico) e o estilo como indomável expressão do sujeito” (Fontes, 2015, p.324), ressaltando a importância de conhecer as origens do estilo na cultura.

Tratando também do tema da transmissão da psicanálise, Costa (2014) retoma a ideia lacanianiana de estilo enquanto “operador de transmissão da verdade do sujeito” (Costa, 2014, p.503). Mais adiante o autor defende que ao tratar “estilo com o qual transmite a psicanálise, Lacan está apontando para o objeto ao qual se endereça” (Costa, 2014, p.504). A transmissão, dessa forma, deve levar em conta elementos próprios como o tempo e o ritmo (Costa, 2014).

Tanto Costa (2014) quanto Fontes (2015) trazem contribuições que vão de encontro aos

achados teóricos introdutórios que associam estilo e verdade do sujeito.

No artigo "Transmissão da Psicanálise a Educadores: Do Ideal Pedagógico ao Real da (Trans)Missão Educativa" (2006), Sandra Francesca de Almeida discute o ensino da psicanálise a educadores, no qual ressalta a transmissão do estilo para a formação de psicanalistas. O estilo, conforme a autora, representa a relação singular com que o sujeito é afetado pela psicanálise, o que influenciará, também, sua transmissão.

Ao transmitir um estilo, o analista transmite a sua singular relação com a psicanálise e também os modos pelos quais, intra e intersubjetivamente, regula a tensão entre prazer e gozo, fantasia e realidade, pulsão e desejo, ou seja, dá testemunho de como obtura a falta no Outro. (Almeida, 2006, p.15).

Segundo Almeida, o ensino eficaz de psicanálise deve produzir uma verdade subjetiva e resgatar um desejo singular, manifestado na cultura através desse estilo.

Em "Educar: da alteridade ao estilo", Elisabete Aparecida Monteiro (2013) trabalha a noção psicanalítica de estilo aplicada aos educadores, sustentando a necessidade de abandonar ideias de perfeição nesta arte. Para a autora "Para além do conhecimento veiculado pela posição de mestre, o que torna possível qualquer transmissão é o estilo [...] assim como Lacan se refere ao ensino da Psicanálise, essencialmente, o que se transmite em todo ato educativo é o próprio estilo" (Monteiro, 2013, p.478). Em outra menção ela afirma que "o estilo revela o insondável inconsciente" (Monteiro, 2013, p.479), outra referência que se associa especialmente à contribuição de Beividas (2001) percorrida no texto introdutório. Sua pesquisa sustenta que a necessidade de considerar o estatuto da alteridade na construção de um estilo, implica compreender que cabe a cada um encontrar o seu jeito de fazer alguma coisa, e muito embora seja aquele que aprende tributário do educador, o estilo deste não pode ser copiado.

Vargas, Leitão e Gussão (2021) também relacionam o estilo na psicanálise ao contexto educacional, destacando que é a partir do estilo do outro, neste caso enquanto mestre, que abre-se caminho para construção do próprio estilo. Em suas palavras "Alunos, ao colherem de seus professores o exercício de um estilo próprio, podem se apropriar desse estilo à sua maneira; conseqüentemente, podem exercer a construção do seu estilo próprio, colocando algo de si" (Vargas; Leitão; Gussão, 2021, p. 612). Um ponto em comum entre estes autores junto a Almeida (2006) e Monteiro (2013) é a centralidade do conceito de estilo na transmissão do conhecimento. O estilo do educador acaba por repercutir no desenvolvimento do estilo dos educandos, ainda que este processo ocorra à maneira de cada um.

Cláudio César Montoto (2012), reflete o estilo diante da posição do analista, no artigo

‘O estilo de um psicanalista’’. O estilo de cada analista é singular, embora seja influenciado pelo tripé da formação teórica, análise pessoal e supervisão. Neste material, o autor objetiva apresentar a própria maneira de trabalhar psicanálise, isto é, detalhar o seu “estilo” na clínica. Conforme o autor, trata-se de uma profissão com poucos modelos que exerçam controle seja sobre a postura do analista ou analisando, daí, desponta até mesmo a sensação de solidão ou incerteza dos efeitos do trabalho. Segundo Montoto, ao analista é essencial manter a atenção flutuante e evitar qualquer forma de controle ou racionalização, permitindo ser impactado pelo conteúdo da escuta, enquanto, o analisante, fala livremente sem exercer nenhum tipo de censura. Traz atenção também à Freud, em seu texto de 1912, “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise”, onde destaca que a técnica é apropriada à individualidade, deste modo, há espaço para o analista desenvolver o próprio estilo.

Em seu artigo ‘A Escrita do Estilo’ (2001), Elisabeth Bittencourt discute como o estilo de um analista é construído a partir da autorização de si, sendo moldado pela transferência e pela ausência de um objeto definido na teoria psicanalítica. O estilo é uma criação única que se desenvolve ao longo da análise pessoal, refletindo a relação do analista com a teoria e seu próprio desejo. Bittencourt traz que a prática psicanalítica, sustentada por diferentes analistas, é manifestada de modo singular pela escrita, meio de transmitir e sustentar o estilo, espaço onde o inconsciente e o real se encontram. A autora exemplifica seu argumento com a autora Marguerite Duras, cuja escrita reflete uma exploração contínua das falhas e lacunas da linguagem, mostrando como o estilo pode ser uma forma de expressão do inconsciente e da experiência analítica. Tanto Bittencourt (2001) quanto Montoto (2012) dão ênfase à importância da análise pessoal no processo de se tornar psicanalista, reconhecendo que apesar da importância dos escritos técnicos, a formação de um estilo próprio baseada na exploração do próprio inconsciente é significativa.

Peres (2007), por sua vez, ao explorar a escrita e o tema do estilo, busca na literatura clássica brasileira, no seu artigo ‘ “Eu não posso dar o que os homens chamam amor”: Sintoma e nome próprio na obra de Machado de Assis’’. A autora reflete o estilo de Machado de Assis na construção de suas obras, em especial ao narrar a ideia de perfeição em casais amorosos. O autor demonstra em sua escrita a busca pela perfeição amorosa que, embora brevemente alcançada, logo se desfaz, abrindo espaço para a solidão. Seu estilo literário reflete um tratamento singular do sintoma e uma constante construção de nome próprio. Em seus últimos romances, como “Memorial de Aires”, subverte a ideia de um amor impossível, mostrando

casais que, apesar de imperfeições, ainda encontram uma forma de união. Machado de Assis, como escritor, encontra satisfação em um estilo único, onde manipula e seduz seus leitores, revelando uma solidão essencial através de sua escrita (Peres, 2007).

Sérgio Scotti (2005) diante do autor do Realismo Francês - Gustave Flaubert-, traz a relação de estilo com psicanálise no artigo “Psicanálise, desejo e estilo”, mais precisamente, diante da interpretação do romance *Madame Bovary* (1857). O estilo de um autor, conforme Scotti, é uma expressão de uma manifestação inconsciente, onde a falta-em-ser e o saber-fazer se entrelaçam. Através de personagens e tramas, o autor não só revela seus desejos reprimidos, mas também utiliza seu estilo para superar a repugnância por motivos egoístas, eróticos ou agressivos. O estilo, assim, é a maneira singular como cada autor lida com a falta e a expressa na obra de arte.

[...] podemos adiantar que o próprio ato de contar uma história inventando personagens, e a trama na qual eles se envolvem, já é em si mesma uma forma de o autor mitigar, disfarçar, ocultar suas fantasias e desejos. Vamos encontrar o estilo na forma pela qual cada artista desenvolve sua técnica em, como dizia Freud, superar a repugnância pelos motivos egoístas, eróticos ou agressivos (Scotti, 2005, p. 86)

No caso de autores como Gustave Flaubert e Machado de Assis, o estilo se manifesta na habilidade de transformar situações triviais em cheias de sentido, criando imagens que suportam as fantasias do leitor. O estilo, portanto, revela não apenas a técnica do autor, mas também sua posição em relação aos seus próprios fantasmas e desejos (Scotti, 2005).

No artigo “Feminilidade: um detalhe”, Izabel Haddad Marques Massara ao trabalhar a feminilidade em relação ao tema das roupas expõe o lado do estilo que se relaciona à falta, à qual a vestimenta responde em alguma medida. Em suas palavras

A feminilidade apresenta uma afinidade com a questão do estilo, pois apresenta um caminho muito singular. O estilo aparece a posteriori, ele não é algo que se persegue, muito menos algo que se constrói – ele é contingente. O escritor não busca o seu estilo, ele se revela para ele em um golpe de surpresa. Por isso, a feminilidade não tem uma roupagem única ditada pela moda, pois a mulher não pode ser vestida, nem falado por inteiro. Entretanto, o estilo presente na repetição, ao longo do tempo, de um pequeno detalhe, marca a presença de várias feminilidades, cada uma atesta o encontro contingente com algo surpreendente para o próprio sujeito (Massara, 2013, p.512).

Destaca-se nessa citação a noção de que o estilo como contingência, algo que não se poderia perseguir ou construir, mas de alguma forma encontrar, ao menos no tema abordado, conclui-se que “a eleição de um detalhe da vestimenta pode passar por um ato de encontro com o estilo próprio” (Massara, 2013, p. 512).

Em “Tatuagem, linguagem artística e doença psicossomática”, Jorge Ulnik (2016)



compara o estilo de pinturas ao estilo da cultura e o estilo do adoecer. Assim como as escolas de arte têm seus próprios estilos, pessoas e famílias possuem estilos próprios de adoecer, o qual revela aspectos profundos da psique, comunicando tanto quanto as palavras. O autor conclui a obra postulando que “O estilo de falar e o de adoecer, às vezes, diz tanto quanto as palavras propriamente ditas, e é parte da maneira que cada um tem de representar (Ulnik, 2016, p.134)”. Se mostra presente tanto em Massara (2013) quanto em Ulnik (2016) a importância do detalhe. Tanto uma vestimenta como uma tatuagem podem ir muito além da superfície, remetendo à subjetividade e a complexidade do indivíduo.

Tavares, Negrete e Lazzarini (2023) abordam a problemática da cura em psicanálise. Em sua publicação em inglês, os autores mencionam a possibilidade da criação e descoberta de um estilo que permita ao sujeito lidar com o seu sintoma.

Estilo tem algo a ver com verdade. Com esta verdade que se maneja e se aprende a ser tratada, a verdade que permanece. Porque, dessa forma, o estilo é como se trata o sintoma [...] Esse estilo, em si, é ao mesmo tempo inventado e descoberto, porque tem a ver com a verdade (Tavares; Negrete; Lazzarini, 2023, p. 4, tradução nossa).<sup>4</sup>

Assim como em Bevidas (2001) e Monteiro (2013) o estilo aparece em Tavares, Negrete e Lazzarini (2023) como expressão da verdade mais recôndita, revelando que o estilo não é uma mera escolha estética, mas uma maneira de manifestar e lidar com a realidade interna de cada indivíduo.

Em Ferreira, Silva e Carrijo (2014) ao direcionar o olhar para os efeitos estilísticos do discurso psicanalítico na subjetividade estabelecem o bem dizer enquanto arte na clínica:

Se aprendemos que o estilo é ratificado por uma singularidade, a via estilística torna-se um campo para a dimensão criativa do saber-fazer com as palavras, via pela qual o sujeito goza a impossibilidade do tudo não poder falar. Trata-se de uma estratégia estética assumida por um sujeito que reconhece que a ordem simbólica é marcada pela falta, e, por isso, posiciona-se de forma a bem dizer aquilo que não se pode dizer por completo (Ferreira; Silva; Carrijo, 2014, p.71).

Os autores destacam que o estilo, ainda que próprio, deriva do Outro em alguma medida. “Estilo esse que vem do Outro, mas constitui-se como marca da singularidade do sujeito, seu ponto de amarração” (Ferreira; Silva; Carrijo, 2014, p.73). Adiante essa noção de estilo se fará relacionada por estes ao final de análise, ao sustentar que

---

<sup>4</sup> No original: Style has something to do with truth. With this truth that is handled and learned to be dealt with, the truth that remains. Because, in this way, style is how the sinthome is handled [...] This style, in itself, is at the same time invented and discovered, because it has to do with the truth (Tavares; Negrete; Lazzarini, 2023, p.4).

Finalizar uma análise é, antes de tudo, operar uma mudança de estilo. Trata-se, portanto, de assumir uma nova posição, um estilo marcado pela não necessidade de criar sentido, pela não necessidade de se autoexplicar, uma formação discursiva que, por ratificar-se na ausência, apresenta-se como possibilidade (Ferreira; Silva; Carrijo, 2014, p.74).

Finalmente tem-se nesta obra uma confluência com a maioria dos pesquisadores considerados, que pode ser sintetizada na noção de que o estilo é “a via pela qual se torna possível suportar a angústia frente à impossibilidade de tudo dizer” (Ferreira; Silva; Carrijo, 2014, p.74).

### **3 CONCLUSÃO**

A presente revisão de literatura investigou como o conceito de estilo tem sido abordado na literatura e pesquisas de cunho psicanalítico. Foram analisados livros com menção ao conceito de estilo e também treze artigos, dos quais apenas três foram publicados nos últimos cinco anos, indicando carência na literatura recente sobre o tema.

Os livros utilizados na pesquisa trouxeram o conceito de estilo como: instrumento de singularização; confluências de elementos pessoais, culturais e familiares; lugar de manifestação da verdade do sujeito; um elemento para enfrentamento do sofrimento, como alternativa para a cura; a forma de cada analista conduzir o processo terapêutico; e algo que não deve ultrapassar os limites do convívio coletivo.

Os artigos revisados revelaram temas em comum, como o estilo lacaniano, a educação e o ensino da psicanálise, o estilo do analista e relação com a subjetividade do estilo atrelado aos preceitos psicanalíticos. A relação entre psicanálise e literatura também foi explorada, na qual se ilustrou como o estilo literário pode refletir aspectos do inconsciente e da formação de um estilo.

A perspectiva de que o estilo é, em última análise, uma via de comunicação da verdade do sujeito se destaca como um ponto central de confluência entre as obras revisadas. Esta manifestação pode ocorrer através do ensino, da escrita, da arte, ou até mesmo em traços de aparência. A leitura de que o estilo está presente ao final da análise como via de enfrentamento da angústia demonstra um significativo potencial para exploração clínica do tema. A revisão aponta também para a importância do estilo na prática e na formação psicanalítica. O estilo permite a conexão e transmissão da psicanálise de modo singular.

Apesar da escassez de publicações recentes, a presente pesquisa, ao retomar as

contribuições existentes, visa servir como base para futuras investigações do estilo em psicanálise. Algumas questões divergentes abrem-se a partir do aprofundamento de cada leitura como: estilo é descoberto ou criado? É permanente ou transforma-se? Sua transmissão é possível e viável? Existiria de fato relação entre estilo e sofrimento psíquico? Futuras pesquisas podem contribuir para esses e outros questionamentos que permeiam o conceito, por esta razão reitera-se a sua importância a fim de contribuir com a psicanálise contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Transmissão da psicanálise a educadores: do ideal pedagógico ao real da (trans)missão educativa. **Estilos Da Clínica**, São Paulo, v.11, n.21, pp.14-23, 2006. ISSN 1415-7128. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v11i21p14-23>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BEIVIDAS, Waldir. **Inconsciente et verbum**: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. São Paulo: Humanitas, 2001.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BITTENCOURT, Elisabeth. A escrita do estilo. **Revista Leitura**, Alagoas, [S. l.], v. 1, n. 27, p. 107–113, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.200127. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7535>. Acesso em: 25 jul. 2024.

COSTA, André Oliveira. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. **Estilos clínica**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 499-514, dez. 2014. DOI: 10.11606/1981-1624. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p499-514>. Acesso em: 17 jul. 2024.

COSTA, Jurandir Freire da. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Diego Diz; SILVA, Rafael Justino da; CARRIJO, Christiane. O estilo em psicanálise: o discurso do analista como arte do bem dizer. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n.1, p. 71–76, 2014. DOI: 10.1590/S0103-65642014000100008 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642014000100008>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FONTES, Flavio Fernando. O estilo lacaniano e a polissemia dos conceitos. **Fractal: Revista De Psicologia**, Niterói, v.27, n.3, p. 324–329, 2015. DOI 10.1590/1984-0292/999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/999>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. Volume XII. ESB. Rio de Janeiro: Editora Imago; 1996.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA; Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **A psicanálise e seu ensino** (1957). In: Escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p. 496-533.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSARA, Izabel Haddad Marque. Feminilidade: um detalhe. **Fractal: Revista De Psicologia**, Niterói, v.25, n.3, p. 497–514, 2013. DOI 10.1590/S1984-02922013000300006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300006>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida. Educar: da alteridade ao estilo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.38, n.2, p. 471–484, 2013. ISSN 0100-3143. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/b7rkytwVTDF6F8Drc95GHTH/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MONTOTO, Cláudio César. O estilo de um psicanalista. **O Mundo Da Saúde**, São Paulo, v.36, n. 2, p. 364–370, 2012. DOI: 10.15343/0104-78092012362364370. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/504/445>. Acesso em 25 jul. 2024.

PERES, Ana Maria Clark. Eu não posso dar o que os homens chamam amor: sintoma e nome próprio na obra de Machado de Assis. **Curinga**, Belo Horizonte, [S. l.], v. 1, n. 24, p. 91-95, jun. 2007. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n4/pdf/ensaio/amcamor.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

SAFRA, Gilberto. **A Face Estética do Self: teoria e clínica**. 6. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

SCOTTI, Sérgio. Psicanálise, desejo e estilo. **Psychê**, São Paulo, v. IX, n.15, p. 77-92, 2005. ISSN 1415-1138. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30715906>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TAVARES, João Milton; NEGRETE, Fernanda; & LAZZARINI, Eliana. Is There a Cure in Psychoanalysis? A Clinic for the Untreatable . **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 39, e39404, 2023. DOI 10.1590/0102.3772. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Kp8DqdQGBHsfPFHvk6fnDDb/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ULNIK, Jorge Cláudio. Tatuagem, linguagem artística e doença psicossomática. **Ide**, São Paulo, v. 38, n. 61, p. 121-136, ago. 2016. ISSN 0101-3106. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-)

31062016000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2024.

VARGAS, Bárbara Thomes; LEITÃO, Iagor Brum; GUSSÃO, Karlos Pedro Calvi. O que se transmite no processo de ensino educacional? Interloquções entre a psicanálise e a educação no ensino superior. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 596–615, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i3p596-615. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/186080>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed. 2008.